

CORRELAÇÃO ADITIVA NO SÉCULO XX: CONSIDERAÇÕES CENTRADAS NO USO

ADDITIVE CORRELATION IN THE 20TH CENTURY:
USAGE-BASED CONSIDERATIONS

127

Ivo da Costa do Rosário¹
Tharles Lopes Gervasio²

Enviado em: 26/01/2021

Aceito em: 06/08/2021

RESUMO: Este artigo apresenta um panorama da correlação aditiva em uso no século XX, nas modalidades brasileira (PB) e europeia (PE) da língua portuguesa. A pesquisa, de cunho qualiquantitativo, fundamenta-se na Linguística Funcional Centrada no Uso, compreendida como um recente desenvolvimento da Linguística Funcional de vertente norte-americana em interação com o instrumental teórico da Gramática de Construções, nos termos de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). O objetivo do trabalho é destacar as propriedades formais e funcionais da correlação aditiva a partir de usos da língua escrita. Os *corpora* utilizados para a identificação de *types* e *tokens* são provenientes do Projeto *Varport* e do *Corpus do Português*. A análise permitiu a depreensão de oito padrões microconstrucionais em cada variedade pesquisada, em um total de 67 ocorrências. Conclui-se que a correlação aditiva no século XX apresenta-se na língua portuguesa em diferentes configurações morfossintáticas, mas com idêntica funcionalidade de inter-relacionar prótase e apódose em um *crescendum* argumentativo, o que a distingue da coordenação aditiva.

Palavras-chave: Adição; Coordenação; Correlação; Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT: This article presents an overview of the additive correlation in use in the 20th century, in Brazilian and European modalities of Portuguese language. This quali-quantitative research takes as framework the Usage-Based Functional Linguistics, understood as a recent development of North American Functional Linguistics in interaction with the theoretical apparatus of Construction Grammar, in the terms of Goldberg (1995, 2006) and Croft (2001). The objective of the work is to highlight the formal and functional properties of the additive correlation based on uses of written language. The *corpora* used to identify *types* and *tokens* are extracted from *Varport Project* and *Corpus do Português* databases. The analysis allowed the detection of eight microconstructional patterns in each variety surveyed, in a total of 67 occurrences. It is concluded that the additive correlation in the 20th century appears in Portuguese language in different morphosyntactic configurations, but with the same functionality of interrelating protasis and apodosis in an argumentative *crescendum*, which distinguishes it from additive coordination.

Keywords: Addition; Coordination; Correlation; Usage-Based Functional Linguistics.

Considerações iniciais

No amplo conjunto das pesquisas em gramática, podemos observar que, dentre muitas outras, a temática da dependência e independência de orações constitui ainda algo bastante movediço. Os gramáticos apoiam suas análises sobre os mais diversos critérios disponíveis: ora adotam classificações dicotômicas sob os pontos de vista sintático ou semântico, ora sob o ponto de vista

¹ Professor Associado de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Letras Vernáculas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Jovem Cientista do Nosso Estado (Faperj-RJ). E-mail: rosario.ivo3@gmail.com.

² Professor integrante do Departamento de Português e Literaturas de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. Doutor em Letras. E-mail: tharlesloge@gmail.com.

discursivo-pragmático. Em uma visão mais contemporânea e conciliadora, há ainda os que optam por mesclar critérios, considerando tanto aspectos formais quanto funcionais (cf. ROSÁRIO, 2016, 2018; GERVASIO, 2016, 2019).

Nesse grande universo da integração oracional, destacamos a correlação. Grande parte dos estudiosos tradicionais – possivelmente influenciados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) – sequer a incluíram em seus compêndios. Ao consultarmos alguns desses textos como ferramentas de estudo, observamos que o tratamento dado à correlação aditiva do tipo *não só... mas também*, por exemplo, é muito lacônico, restringindo-se a apresentá-la como (apenas) uma espécie de versão enfática da coordenação aditiva.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral destacar as propriedades formais e funcionais da correlação aditiva a partir de usos da língua escrita, no século XX. Ao destacar tais propriedades, apontaremos as suas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas.

Após estas considerações iniciais, este artigo está organizado em seis partes. Na seção 1, discutimos brevemente o esteio teórico que guia este trabalho: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) em interação com a Gramática de Construções. Nessa mesma seção, tratamos, ainda, do princípio de *iconicidade* e de seus subprincípios. Na seção 2, apresentamos uma visão geral da correlação, tal como se apresenta nos estudos tradicionais. Na seção 3, continuamos a abordar a correlação, porém, em outras perspectivas teóricas mais afinadas com as pesquisas recentes em Linguística. Na seção 4, discutimos sucintamente a metodologia que permeia a análise de dados. Na seção 5, examinamos a correlação aditiva em uso no século XX, com base em dados empíricos, em duas variedades do português: PE e PB. Por fim, traçamos algumas considerações finais.

Feitas essas observações iniciais, vejamos uma breve exposição da teoria que baliza nosso estudo, associada a alguns conceitos mais centrais que serão evocados ao longo deste texto.

1 Linguística Funcional Centrada no Uso

A premissa básica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) – também conhecida como Linguística Centrada no Uso (LCU) – é que a gramática é uma estrutura em permanente mutação, sempre sujeita a pressões do uso discursivo. Uma análise que se apoie na LFCU necessariamente leva em conta as situações de interação dos usuários da língua. Vale comentar que, segundo Bybee (2013, p. 51), a expressão “baseada no uso” – traduzida no Brasil, pelo grupo D&G³, como “centrada no uso” – foi cunhada por Langacker no final dos anos 80, mas “as raízes dessa visão da língua podem ser encontradas a partir dos anos 60”⁴.

A LFCU resulta da junção de premissas desenvolvidas e sustentadas pela Linguística Funcional (LF) – como os trabalhos de Givón, Hopper, Chafe, Bybee, Traugott, entre outros – com outras premissas trabalhadas pela Linguística Cognitiva (LC) – com representantes como Lakoff, Fauconnier, Goldberg e outros.

A LFCU tem como proposição fundante a ideia de que a estrutura gramatical de uma língua se manifesta em decorrência de seu uso (cf. BYBEE, 2010). Mais modernamente, essa vertente funcionalista sofreu considerável modificação por conta da incorporação de aspectos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006). Com isso, costumamos postular que a LFCU adota uma visão construcional da gramática (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Compreende-se *construção* como um pareamento de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e de significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). As construções podem ser de vários níveis, organizando-se em uma hierarquia que, por sua

³ O D & G (Grupo de Estudos Discurso & Gramática), criado no início da década de 90 do século passado, dedica-se à pesquisa na área da Linguística Funcional. A atenção do grupo é voltada, em maior medida, para os usos das construções linguísticas e para as mudanças construcionais. Mais informações podem ser obtidas em <https://discursoegramaticablog.wordpress.com>.

⁴ “The term ‘Usage-based’ was coined by Langacker (1987), but the roots of this view of language can be found starting in the 1960s (...).”

vez, prevê três níveis básicos, do mais abstrato ao mais concreto: esquemas, subesquemas e microconstruções (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Mais um ponto que vale ser apresentado é que a LFCU sempre considera, em seus estudos e análises, uma descrição do contexto, já que as construções emergem em decorrência do uso da língua, a partir de seus *loci* de origem. A análise do contexto na LFCU faz-se necessária por proporcionar um panorama mais holístico para o estudo de fenômenos linguísticos (HEINE; KUTEVA, 2003).

Ainda nesse ponto, sobre a análise de fenômenos da língua em contexto de uso, inspirada por Bybee (2003), Oliveira (2013, p. 80) ressalta que “não basta o olhar acurado sobre um item específico, mas a consideração do ambiente mais amplo em que este item ocorre e sua relação, em termos estruturais e funcionais, com tal ambiente”. Assim, rompemos definitivamente com uma visão centrada no item para uma análise de cunho mais amplo.

Na abordagem da LFCU, portanto, não se observa a gramática como estrutura autônoma, desvinculada da biologia humana e do mundo. Pelo contrário, admite-se, de modo claro, que categorias gramaticais são dependentes do contexto, justamente por se falar em uma gramática maleável e holística, e não composta de regras fixas e imutáveis.

Com esse novo enquadre, trabalha-se a língua como uma rede de padrões construcionais sempre permeados por inferências, negociação de sentido entre os envolvidos na interação ou mesmo generalizações (cf. TRAUGOTT, 2008). São esses mecanismos que tornam mais palpáveis as mudanças linguísticas presentes em uma gramática, que sofre pressões de uso e que deve, portanto, ser depreendida a partir dos contextos de interação vivenciados pelos seus usuários.

Em suma, a LFCU, como resumem Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 17), “busca identificar motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas”, as quais estão relacionadas ao uso de padrões construcionais imbricados na organização do texto.

Antes de finalizarmos esta seção, destacamos um conceito importante para a análise da correlação aditiva. Na verdade, esse conceito é bastante empregado no campo do Funcionalismo Clássico, mas permanece operacionalizável na LFCU. Trata-se do princípio de *iconicidade*. Comumente, esse princípio pode ser compreendido como a correlação motivada entre a forma e a função, ou seja, entre o plano da expressão e o plano do sentido.

Para os funcionalistas, a organização da língua é reflexo da experiência humana no mundo. Nesse sentido, as estruturas linguísticas, de alguma forma, traduzem aspectos da conceptualização. Trata-se, portanto, de uma relação motivada, o que rompe consideravelmente com a tese da arbitrariedade do signo.

Nesse contexto, Givón (1984) arrola a existência de três subprincípios que estão na base da *iconicidade*. São eles: *quantidade*, *proximidade* e *ordenação linear*.

O subprincípio da *quantidade* salienta o fato de que o tamanho de um enunciado em dado contexto estaria relacionado “diretamente à proporção de informação nova ou incomum que ele veicula” (CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 23). Em outras palavras, segundo esse subprincípio, quanto maior for a extensão de um texto, mais informação ele traduz. Por sua vez, o subprincípio da *proximidade* assume que elementos mais integrados no plano cognitivo apresentam também maior integração no plano morfossintático. Assim, a distância no plano da forma se reflete, de algum modo, no plano cognitivo. Por fim, o subprincípio da *ordenação linear* sugere que a organização do texto se dá a partir da sequência temporal da conceptualização dos eventos, já que o discurso tende a apresentar suas partes dispostas de acordo com a sucessão dos acontecimentos.

Feitas essas considerações gerais sobre a LFCU, vejamos como a correlação se apresenta na bibliografia consultada.

2 A Correlação em perspectiva tradicional

Ao pesquisarmos os mais variados compêndios, percebemos que alguns autores ignoram a correlação como fato sintático. Outros alojam o fenômeno citado no bojo dos fenômenos mais

comuns de organização sintática, ou seja, no âmbito da coordenação e da subordinação (cf. ROSÁRIO, 2018).

De uma forma geral, a desconsideração da correlação como processo autônomo de integração oracional está mais associada a visões formalistas e normativistas. De outro lado, autores identificados com uma perspectiva de caráter funcional da língua, tendem a considerar a correlação como um terceiro procedimento de integração oracional ou como um “ponto de aglomeração” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) do mesmo *status* da coordenação e da subordinação.

Câmara Jr. (1981), em uma análise dicotômica de base estrutural e tipicamente saussuriana, assevera a existência de apenas dois processos de ligação interoracional: coordenação ou parataxe e subordinação ou hipotaxe. O autor ressalta que a justaposição e a correlação estão encapsuladas como modalidades dentro desses dois processos mais canônicos. Acatar a existência das correlatas, portanto, acarretaria um rompimento com esse binarismo.

Para Cunha e Cintra (2007, p. 608), as orações se classificariam por uma dicotomia entre coordenação e subordinação. As coordenadas são consideradas “autônomas” ou “independentes”, visto que cada uma veicula um sentido próprio, não se referindo, pois, a outra oração. Já as subordinadas seriam orações “sem autonomia” gramatical, ou seja, funcionariam como parte de outra oração principal ou matriz. Nessa bipartição, não há espaço para se falar em correlação.

Luft (2000, p. 47) também partilha da ideia de que a correlação, tal como a justaposição, é um procedimento sintático abrigado nos processos mais gerais de coordenação e de subordinação, chegando a dizer que “não há motivo para classificar a correlação e a justaposição como processos especiais de composição do período. Não que não existam; mas não passam de tipos especiais de conexão que se estabelecem dentro da coordenação e da subordinação”. Ademais, Luft (2000) afirma que a correlação funciona como um recurso de contorno meramente expressivo, com vistas a explicitar ênfase no discurso.

Fora do escopo estritamente normativo, Azeredo (2002, p. 155-156) rompe com essa visão mais tradicional ao defender a existência de três processos sintáticos: coordenação, subordinação e justaposição. Sinaliza, ainda, que a subordinação ocorre, assim como a justaposição e a coordenação, no interior do período, sendo um processo sintático. Com relação à correlação, o autor a aborda brevemente como um “processo usual na linguagem da argumentação utilizado para dar idêntico realce às unidades conectadas”. Azeredo completa sua exposição dizendo que a correlação seria, na realidade, um “expediente retórico”, usado com vistas a enfatizar o discurso.

Autores como Luft (2000), Azeredo (2002) e Bechara (2009) são unânimes ao defenderem a correlação apenas como estrutura utilizada para expressão de vigor e realce na cena discursiva, podendo ser subtipo, em alguns momentos, da coordenação e, em outros, da subordinação. Dessa forma, ressaltam apenas o seu caráter semântico-pragmático.

Em outra perspectiva, há, dentre os mais tradicionais, um trabalho que merece destaque. Referimo-nos à obra *Teoria da Correlação*, de Oiticica (1952). Em um primeiro momento, o autor apoia-se em critérios de ordem sintática; em um segundo momento, chama a atenção para a existência de aspectos semânticos entre as cláusulas portadoras de pares correlatos.

Oiticica foi um dos primeiros estudiosos nacionais a mencionar que a coordenação e a subordinação, tal como são compreendidas pela NGB, não abrangem em si a questão de interdependência sintático-semântica que caracteriza a correlação. Assim, Oiticica pode ser considerado um precursor do tema, visto que seus estudos emergem em um período em que o estudo da integração de orações ainda era marcado fortemente por relações puramente formais, no plano estrutural.

Ainda no bojo dos estudos tradicionais, vale destacar, também, o trabalho de Melo (1980, p. 152), no qual se compreende, à maneira de Oiticica (1952), a noção de correlação como um processo peculiar e não englobado nos processos de coordenação e subordinação. Ao estudar a correlação dita comparativa, o autor já a anunciava como sendo oriunda de “um processo mais complexo em que há, de certo modo, interdependência. Dá-se, neste processo, a intensificação de um dos membros da frase que pede um termo” (MELO, 1954, p. 121).

Alguns autores como Rocha Lima (1999), Luft (2000) e Uchôa (2004) optam por não considerar a correlação como um processo diferente de estruturação do período, mas consideram-na como parte subjacente aos processos de coordenação e de subordinação. Em outras palavras, esses estudiosos encaram a correlação, na verdade, como uma modalidade da coordenação e da subordinação.

Sinteticamente, podemos depreender, com base nos autores até aqui apresentados, que há três posturas distintas com relação ao tratamento da correlação: um grupo ignora sua existência, sem ao menos citá-la em seus estudos; outro grupo contempla a correlação como um sub-tipo da coordenação e da subordinação (essa é a tendência geral); por fim, um terceiro grupo advoga que a correlação é um processo autônomo, distinto dos demais (essa é a defesa que fazemos neste estudo).

Na segunda e na terceira perspectivas, há um ponto em comum: o uso do processo da correlação está fortemente associado às noções de ênfase, vigor e realce como traços mais gerais. De fato, há um consenso em torno dessa característica de ordem semântico-pragmática.

Continuando nosso percurso, precisamos verificar como a correlação aditiva é apresentada em obras mais ligadas à pesquisa em Linguística. Esse é o objetivo da próxima seção.

3 A Correlação sob a perspectiva linguística

Como o Estruturalismo foi, por muito tempo, uma corrente linguística muito atuante, há uma tendência quase unânime por parte dos autores mais tradicionais (ROCHA LIMA, 1999; LUFT, 2000; KURY, 2003; UCHÔA, 2004, entre outros) a rejeitar a correlação como um processo no mesmo nível da coordenação e da subordinação, visto que não atenderia à defesa das dicotomias propostas por Saussure. De fato, o agasalhamento da correlação no rol dos processos de integração oracional romperia uma dicotomia binária clássica (coordenação *vs* subordinação).

Por outro lado, há um considerável número de pesquisadores que se alinham em posição oposta à defendida pelos autores tradicionais (cf. OITICICA, 1952; PAULIUKONIS, 2001; MÓDOLO, 2005, 2008; RODRIGUES, 2001, 2007; CASTILHO, 2010; LIPTÁK, 2009; ROSÁRIO, 2012, 2016, 2018; GERVASIO, 2016, 2019).

Pauliukonis (2001, p. 122), ao falar da obra de Oiticica, já comentada na seção anterior, assinala que as construções correlacionadas pelos operadores *não só... mas também* podem ser associadas ao que se denomina “análise polifônica de dois atos de fala instituídos no mesmo enunciado”. Isso deve-se ao fato de que, para a autora, podemos deflagrar, nesse emprego, um ato de fala que restringe e, concomitantemente, outro ato que inclui, concatenados pelos itens correlatos.

Módolo (2005) propõe uma substituição da dicotomia balizada no Estruturalismo – coordenação e subordinação – por uma noção de *continuum*, como é acatado no Funcionalismo. Nesse sentido, a correlação interceptaria esse *continuum* e partilharia traços ora com a coordenação, ora com a subordinação.

Também Castilho (2010, p. 388), ao comentar mais recentemente o estudo feito por Módolo (2008, p. 1094) sobre as construções correlatas, acrescenta que tais fenômenos tendem a aparecer em menor escala no discurso oral. Castilho (*op. cit.*) comenta, de fato, que “as correlatas são comuns no discurso argumentativo” – embora saibamos que a argumentação não seja um traço exclusivo da escrita.

Rodrigues (2007), também inspirada por Oiticica (1952), ressalta que não há um consenso entre os estudiosos no reconhecimento de certas estruturas adverbiais como construções correlatas. A autora postula, portanto, que a correlação é um processo sintático peculiar e não um tipo pertencente ao domínio da coordenação ou da subordinação.

Segundo Lipták (2009, p. 10), “correlativas são construções tipologicamente raras entre as línguas do mundo”. Muito embora seus estudos estejam fundamentados em pressupostos gerativistas, distanciando-se principalmente em termos de uma análise cuja exemplificação seja pautada em contextos de uso, como ocorre na LFCU, concordamos com a estudiosa quando afirma que o

estudo das correlatas é algo extremamente desafiador.

Rosário (2012, 2018), em pesquisa com dados do século XXI, chega à conclusão de que, do ponto de vista semântico-pragmático, os pares correlativos aditivos são bem menos prototípicos que a conjunção aditiva por excelência *e*. Segundo o autor, alguns comportamentos sintáticos estão restritos a alguns gêneros textuais, devido à necessidade de maior força argumentativa, com o objetivo de realçar ideias e/ou alcançar variadas acepções de sentido.

Outro trabalho recente a respeito de como se comporta a construção correlata aditiva na atual sincronia em língua portuguesa é proposto por Gervasio (2019). Nesse estudo, a construção tema do presente artigo é analisada à luz do quadro teórico da Linguística Cognitiva. Gervasio (2019) verifica a existência de uma ancoragem dos enunciados introduzidos pelos pares correlatos aditivos em pressuposições.

Desse modo, observamos que, muitas vezes, nem os critérios – sintáticos e/ou semânticos e/ou pragmáticos – que regem as definições nos compêndios são bem delimitados, nem as suas próprias classificações são claras. As definições tradicionais, em grande parte dos casos, são precárias, uma vez que não se delimita, por exemplo, até que ponto uma oração é “autônoma” e não necessita de outra para ter seu sentido bem estabelecido. As análises de cunho linguístico, por sua vez, lançam luzes sobre o tema, mas também sentimos falta de organização lógica e sistemática das descobertas realizadas. De fato, são pesquisas esparsas que ainda reclamam uma maior sistematização.

Realizada a revisão da literatura sobre o tema, concluímos que a correlação aditiva é uma construção (pareamento de forma e significado), com propriedades formais e funcionais que a distinguem da coordenação aditiva. A primeira parte da construção (chamada de prótase correlativa) relaciona-se à segunda parte (denominada apódose correlativa) em uma estrutura de díade. Essa estrutura típica da correlação aditiva será ilustrada e analisada, de maneira mais pormenorizada, nas seções seguintes deste artigo.

Após essa revisão da literatura sobre a correlação, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a análise de dados desta pesquisa.

4 Procedimentos metodológicos

Para a análise empírica das ocorrências coletadas, utilizamos dados escritos do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), oriundos dos séculos XX e de bases digitais distintas, a saber: *Varport* (em menor escala) e *Corpus do Português* (em maior escala, devido ao número de dados disponíveis).

Inicialmente estava previsto o trabalho de análise somente com base no *Corpus Varport*. Contudo, devido ao baixo número de dados de correlação aditiva atestados, foi necessário ampliar a amostra, o que nos levou à decisão de incluir na pesquisa dados do *Corpus do Português*, reconhecidamente mais amplo. Assim, a escolha pela adoção dos dois *corpora* não se deu em função de uma possível comparação entre ambos, mas por conta de uma necessária complementaridade de dados suficientes para as generalizações feitas neste trabalho.

O *Varport* é um portal composto de vários *corpora* organizados de modo científico, e encontra-se disponível na página www.lettrasufjf.br/varport. Os textos que compõem esse *site* foram todos publicados em jornais das principais cidades de Portugal e do Brasil nos séculos XIX e XX. A base de dados em questão, segundo informações de sua própria página, tem como objetivo alicerçar e estimular a conexão entre os trabalhos a respeito de determinados fatos linguísticos que têm sido realizados nos dois países citados.

Por sua vez, o *Corpus do Português* está disponível na página www.corpusdoportugues.org. Trata-se de uma base digital composta por cerca de 45 milhões de palavras que se apresentam em pouco menos de 57 mil textos. Desses 45 milhões de termos, 15 milhões são dos séculos XIII a XVIII, 10 milhões do século XIX e 20 milhões do século XX. É um banco de dados também constituído

de textos escritos em Portugal e no Brasil. Deve-se destacar que, embora o *Corpus do Português* disponha de textos orais, nossa análise baseou-se apenas em textos escritos, na interface *Now*.

A opção por essas duas bases de dados justifica-se pelo fato de que os estudos de dados descontextualizados não são capazes de expressar o conteúdo sintático-semântico que emerge da combinação entre termos e/ou cláusulas. Firmamos nosso estudo nesses *corpora*, pois notamos, por meio de análises preliminares já elaboradas ao longo do levantamento de dados da pesquisa, que os correlatores⁵ tendem a aparecer, em maior proporção, em sequências textuais de língua escrita, com caráter expositivo e, acima de tudo, argumentativo.

Em relação aos critérios de seleção de dados, levamos em consideração a noção de adição codificada efetivamente por meio de pares correlatos aditivos expressos na conexão de prótase e apódose, sem distinção para usos oracionais e não oracionais. Para a coleta dos dados, foi utilizado o mecanismo de busca eletrônica, que permitiu a detecção dos pares correlativos a partir do elemento "não". Ao digitá-lo na caixa de busca eletrônica, foi possível elencar os diversos usos e filtrar as ocorrências que efetivamente instanciavam a correlação aditiva. Esse enquadre metodológico possibilita a apresentação da seção seguinte, que trata especificamente da análise de dados.

5 A correlação aditiva no século XX: análise

Respaldando-nos na fundamentação teórico-metodológica explicitada e nas discussões tecidas a respeito da temática da correlação, prosseguimos, agora, com a análise das construções correlatas aditivas atestadas nos *corpora* de pesquisa. Temos como propósito compreender mais claramente a configuração morfossintática e a força discursivo-pragmática da correlação aditiva nas duas variedades do português já indicadas: PE e PB.

A tabela mostrada na sequência, além de sintetizar o modo de organização de análise dos dados, tal como já explicitado anteriormente, apresenta o quantitativo geral dos dados recolhidos. Vejamos:

Tabela 1 – Quantitativo geral de uso da construção correlata aditiva

PERÍODO	VARIEDADE	PORÇÕES DE TEXTO	FREQUÊNCIA TOKEN
SÉCULO XX	PE	95	24
	PB	95	43
TOTAL		190	67

Fonte: os autores

A Tabela 1 indica que a utilização da correlação aditiva como um recurso de articulação de sintagmas e orações no século XX é bastante viva em ambas as variedades da língua portuguesa, dada a ocorrência de 67 dados, no universo dos 190 textos selecionados, que abrangem ambos os *corpora* aqui em análise. Vale destacar que cada modalidade recrutou o uso de oito padrões micro-estruturais correlatos aditivos, como apresentaremos adiante. Por outro lado, a mesma tabela indica que, dos textos escolhidos, o PB apresentou maior frequência das correlatas para a indicação de adição.

Defendemos a hipótese de que esse maior número de ocorrências dos dados na modalidade brasileira se deve ao fato de que as porções textuais que selecionamos da modalidade mencionada apresentam um maior número de sequências tipológicas argumentativas. Todavia, reconhecemos que essa hipótese careceria de testes baseados em uma observação de um *corpus* ainda mais amplo que abarcasse outras sincronias e sequências tipológicas diferentes de nossa língua, o que, neste

⁵ *Correlator* é termo utilizado por Rosário (2012, p. 3) em analogia aos termos *coordenadores* e *subordinadores*. É também referido como *pares correlativos/ correlatos* e *partículas* ou *itens conectivos descontínuos*.

momento, não foi realizado.

Vejam alguns dados de cada modalidade da língua, acompanhados de um breve comentário analítico. Inicialmente exploramos dados do português europeu. Em seguida, apresentamos alguns dados do português brasileiro.

5.1 Português Europeu

Nesta subseção 5.1, vejamos alguns padrões microconstrucionais correlativos aditivos atestados na variedade europeia da língua portuguesa, no século XX:

- (1) Estas revelações levaram os juízes **não só** a abrir um inquérito contra o ministro de a Justiça **como** a preparar um novo aviso de inquérito o quinto contra o secretário-geral (PE, XX, CP).
- (2) Tanto uma quanto outra eram adotadas conjuntamente pelos gregos, que valorizavam muito **não somente** os adivinhos **como** os intérpretes de sonhos e os sacerdotes, que gozavam de grande prestígio na sociedade helênica e exerciam grande influência sobre as pessoas (PE, XX, VP).
- (3) Que confiança podia oferecer daí em diante aos que lhe entregavam tarefas como aquela, se, ali, começara por falhar nos processos, pondo em perigo **não somente** a sua própria segurança **mas** uma infinidade de coisas que dele dependiam enquanto estivesse activo? (PE, XX, VP).
- (4) Se procedessemos ao balanço do Mundo nestas entradas de 1950, **não apenas** como qualquer cuidadoso comerciante ao seu negócio, ou prudente agricultor à sua lavoura, **mas** como um frei guardião ao seu convento, computando perdas e ganhos nos sectores da matéria e do espírito, que acharíamos nós de singular ou que mais requeresse a nossa atenção? (PE, XX, VP)

Ao usar diferentes correlatores, o emissor, já na prótase, orienta o interlocutor a respeito de algo a ser acrescentado na apódose. Posto isso, notamos nas instanciações (1), (2), (3) e (4) que os pares correlatos “não só... como”, “não somente... como”, “não somente... mas” e “não apenas... mas” são utilizados para inter-relacionar informações de um modo distinto do que ocorre na ordenação aditiva. Afinal, não se verifica a habitual relação de coigualdade dos elementos ligados, como é típico na ordenação. Ao contrário, há um *crescendum* argumentativo, de modo que a prótase, de fato, prepara a apódose.

A correlação aditiva permite uma grande versatilidade em termos de uso. Por exemplo, em (4), vemos que a primeira parte do par correlato “não apenas” apresenta um enunciado de semântica comparativa encabeçada pela conjunção “como” (“como qualquer cuidadoso comerciante ao seu negócio”). Essa semântica de comparação é arrematada com a apódose correlativa, também iniciada pela partícula “como” (“como um frei guardião ao seu convento”).

Essa versatilidade de uso manifesta-se também em outros padrões da língua. Por exemplo, vejamos o dado a seguir:

- (5) A sua actividade literária abarca **não só** a literatura para adultos, **mas** principalmente para crianças. A escritora tem mesmo, ao longo da sua carreira, desenvolvido um grande interesse pela defesa dos direitos das crianças, relevando a importância da literatura infanto-juvenil na formação das mesmas (PE, XX, CP).

No uso configurado em (5), a informação nova veiculada na apódose “mas principalmente para crianças” soa tão imprevisível que o usuário opta pelo uso do modalizador delimitador “prin-

principalmente”. A respeito da temática dos advérbios modalizadores, Neves (2011, p. 250) assevera que:

Esses advérbios não garantem nem negam propriamente o valor de verdade do que se diz, mas fixam condições de verdade, isto é, delimitam o âmbito das afirmações ou negações. O que ocorre nessa modalização é que o falante circunscreve os limites dentro dos quais o enunciado, ou um constituinte do enunciado, deve ser interpretado, e dentro dos quais, portanto, se pode procurar a factualidade, ou não, do que é dito.

A aplicação do termo “principalmente” na apódose de (5) colabora com uma nuance de maior imprevisibilidade do dado novo. Esse dado novo, na ocorrência (5), seria o fato de a escritora produzir – embora pareça algo praticamente desconhecido pela maioria das pessoas – literatura infantil, funcionando, portanto, como elemento de reforço dessa segunda parte do par correlato, portadora da nova informação. Nesse sentido, percebemos que se há “mais texto”, há mais informação, como sugere o subprincípio da *quantidade*.

Por fim, vejamos mais três dados do PE com distintas configurações:

(6) Toda família devia ter pelo menos um filho que fosse funcionário público, porque isso lhe dava **não somente** prestígio, **senão que** estabilidade, segurança (PE, XX, VP).

(7) Ao falarmos em quadro estrutural, pretendemos referir-nos, **não somente** ao estatuto de instituição, **mas também** a toda a prática cultural subjacente à actuação do ente representativo dos advogados portugueses e à crise deontológica em que hoje vive o exercício da advocacia (PE, XX, VP).

(8) O vultoso investimento financeiro que vai fazer-se em obras de hidráulica agrícola trouxe ao plano da mais flagrante actualidade a situação das obras que desde 1938 nesse sector do fomento nacional se efectuaram ou estão em curso. É que **não só** o custo das obras feitas excedeu largamente as previsões iniciais; **também** não houve conveniente aproveitamento, por defeitos de execução, falta de estudo sério dos preços e de um plano de cultura (PE, XX, VP).

Em (6), (7) e (8), observamos o arranjo semântico-pragmático de informação velha e informação nova, respectivamente veiculadas na prótase e na apódose. Ao analisarmos o dado (6), podemos observar que, na utilização do par correlato aditivo, o enunciador aloca o termo “prestígio” como uma informação já de conhecimento de seu interlocutor e até mesmo de conhecimento geral. Os elementos novos são a “estabilidade” e a “segurança”. Fica, claro, portanto, um flagrante “des-nível” em termos de informação, já que a prótase tende a apresentar informação dada, e a apódose, comumente, desvela informações novas.

Em (8), observamos que o padrão construcional “não só... também” imprime, no discurso, não apenas a noção de adição, acréscimo de itens ou ideias em uma relação binária. Muito além disso, as cláusulas ali combinadas pelos correlatores estão ligadas semanticamente a todo o período anterior (“O vultoso investimento financeiro...”), em uma espécie de retomada na forma de explicação ou alargamento de ideias. No discurso, esse alargamento propiciado pelo uso das correlatas aditivas fica bastante evidente também nas instanciações (6) e (7), em que as informações são apresentadas em uma espécie de *crescendum*: ([6] “não somente *prestígio*, senão que *estabilidade, segurança*”; [7] “não somente *ao estatuto de instituição*, mas também *a toda a prática cultural subjacente*”).

Ainda com relação ao dado (8), a construção correlata aditiva é antecedida, em termos sintáticos, pela forma verbal “é” + conjunção integrante “que”, considerado por diversos gramáticos como o subordinador por excelência. Vale mencionar que a construção “É que” introduz uma estrutura clivada⁶, o que reforça ainda mais a ideia de ênfase veiculada pelas construções correlatas,

⁶ Segundo Perini (2007, p. 215), a relação formal existente no processo de clivagem é relativamente com-

visto que clivagem e correlação convergem na ideia de destaque ou realce.

Vejamos agora como a correlação aditiva se configura no português do Brasil do século XX.

5.2 Português Brasileiro

O Português do Brasil caracteriza-se, nesse período, também por meio de oito diferentes *types* correlativos aditivos. Vejamos alguns deles:

(9) As razões prendem-se **não só** com a concorrência dos países de Leste e do Sudoeste asiático, **mas também** com a valorização do escudo, que torna menos competitivos os têxteis portugueses, e a indaptação tecnológica (...). (PB, XX, CP).

(10) Não há estrangeiro que não tenha tido comigo um ajuste. Eu vendo, eu troco, tudo de baixo do bom desejo de fazer **não só** fregueses, **mas** amigos (PB, XX, CP).

(11) O comportamento moral da mulher é variável considerada no julgamento do caráter feminino. Porque o comportamento moral da mulher constrói **não apenas** a imagem feminina, **mas também** a do seu parceiro, a identidade de homem dentro do grupo social (PB, XX, VP).

(12) (...) Uma doutrina largamente difundida em nosso país durante todo o século XIX, permanecendo atuante até as primeiras décadas deste século, é o positivismo. Seus adeptos exerceram influência **não apenas** filosófica, **mas** igualmente política, desempenhando importante papel na proclamação da República (...). (PB, XX, CP).

(13) E, por uma curiosa transposição, ela viu a si própria como nunca tinha visto antes. Viu **não somente** a sua paisagem interior, **mas** as modificações que o tempo havia feito na sua fisionomia (PB, XX, CP).

A força persuasiva expressa pela correlação nos contextos pragmático-discursivos exemplificados não teria sido a mesma, caso o elo coesivo, em (9), por exemplo, fosse preenchido pelo conectivo aditivo *e*, como demonstra a paráfrase (9a) a seguir:

(9a) As razões prendem-se com a concorrência dos países do Leste e do Sudoeste asiático **e** com a valorização do escudo, que torna menos competitivos os têxteis portugueses, e a indaptação tecnológica (...).

Essa constatação endossa a ideia proposta por Hopper e Traugott (2003, p. 126) de que novas construções gramaticais emergem na língua para darem conta de novas necessidades funcionais. A observação de (9), com a expressão da adição por meio do par correlato aditivo “não só... mas também”, e de sua paráfrase (9a), por meio do coordenador aditivo “e”, aponta para algo relevante. Trata-se de duas opções reais do usuário da língua, que pode ora recrutar o coordenativo *e* ora os correlatores *não só...mas também*. Certamente essas opções não são intercambiáveis, visto que não há sinonímia perfeita na língua (cf. GOLDBERG, 1995). Em outras palavras, se há formas distintas, há também significados distintos, como prevê o princípio da não-sinonímia da forma gramatical.

O uso do par correlato requer do interlocutor maior esforço cognitivo para a apreensão dos sentidos transpostos pelos enunciados, como se verifica por meio do subprincípio da proximidade (cf. GIVÓN, 1984). Essas características reforçam a diferença entre (9) e (9a), que cumprem propósitos comunicativos distintos.

plexa, pois “envolve o transporte do elemento clivado, o acréscimo do verbo ser no mesmo tempo do verbo original e o acréscimo de que ou quem”.

Também os exemplos ilustrados em (10), (11), (12) e (13) remetem-nos a uma asserção presente em Quirk e Greenbaum (1980, p. 261). Ao tratar do uso do par correlato aditivo *not only* (*não só*)... *but also* (*mas também*), os autores afirmam que seu emprego gera um efeito mais "dramático" na interação, sobretudo nos exemplos em que *not only* (*não só/ não apenas/ não somente*) se mostra em uma posição inicial, "com consequente inversão sujeito-operador"⁷.

De modo semelhante ao que ocorre no exemplo (5) do PE, notamos, no entorno discursivo da microconstrução correlata aditiva apresentada em (12), a presença de um advérbio modalizador ("igualmente") na apódose. Para Lenker (2010, p. 129), o uso de advérbios do tipo modalizadores, tal como o "igualmente"⁸, propicia no leitor/ouvinte, tomando como base a *Máxima da Qualidade*, a suposição de que os falantes estão contando a verdade.⁹

Segundo Wilson (2008, p. 92), essa máxima de Grice atua muito bem nos atos de fala declarativos, o que corrobora a nossa hipótese de que os pares correlatos aditivos tendem a aparecer com mais frequência em porções textuais argumentativas. Segundo a autora, a *Máxima da Qualidade* supõe, ainda, que o falante deve falar apenas o que considera verdadeiro ou que possa ser evidenciado.

Por fim, vejamos os últimos padrões microconstrucionais correlatos aditivos referentes ao PB do século XX:

(14) Entretanto **não só** as classes trabalhadoras por mais modestas da sociedade têm aproveitado da vantagem da colligação de esforços para a mesma causa. Outras classes, **também** até mesmo aquelas que representam o capital, nem alcançando o maior proveito com os movimentos agremiadores (PB, XX, VP).

(15) Qualquer notícia a ser divulgada pelos veículos de comunicação são investigadas, condensadas, redigidas e editadas pelos jornalistas, que podem produzir textos **não somente** informativos e formais, **como também** comentários e crônicas (PB, XX, CP).

(16) Isso deve-se ao fato de que as características intrínsecas que regem as condições de produção do mercado agrícola **não** proporcionam **somente** elevado grau de instabilidade, **como também** grande amplitude de variação dos preços de seus produtos (PB, XX, CP).

No dado (14), a segunda parte do correlator não apresenta o item "mas" ou "como", como comumente ocorre na parte constituinte da apódose. Além disso, prótase e apódose estão em períodos distintos, o que indica uma configuração morfossintática bem particular para a correlação aditiva, em uma espécie de "desgarramento" (cf. DECAT, 2001). Apesar disso, esse par correlato é processado cognitivamente sem dificuldades pelo interlocutor, possivelmente por conta de nossa experiência de mundo e pela nossa capacidade de analogização¹⁰, com base em um *type* mais prototípico da construção, como *não só...mas também*. Vale mencionarmos, ainda, que (16) constitui a única instanciação encontrada em nossa pesquisa em que há a presença de um verbo (forma verbal

⁷ "A more dramatic effect is achieved by positioning *not only* initially, with consequent subject-operator inversion".

⁸ Neste ponto, agradecemos as observações do parecerista. Segundo sua análise, há uma semelhança marcante entre as funções de "também" e "igualmente" no correlator da apódose. Segundo essa observação, talvez fosse possível postular a existência do par correlativo "não apenas...mas igualmente". Achamos essa proposta plausível, mas, neste trabalho, optamos por considerar "igualmente" fora do correlator, tendo em vista a manutenção dos traços de sua categoria original, ou seja, a categoria dos advérbios.

⁹ "Relying on the Maxim of Quality, listeners/readers will principally assume that speakers are telling the truth."

¹⁰ Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 32), analogia "é o processo pelo qual novos enunciados são criados com base em outros previamente experienciados. O grau de aceitabilidade desses enunciados baseia-se na similaridade com sequências frequentes, convencionalizadas". A analogização consiste justamente na capacidade de processamento cognitivo da analogia.

– “proporcionam”) no *slot* da construção, o que demonstra ainda mais o caráter plástico e maleável da correlação.

Considerações finais

Na revisão de compêndios de gramática tradicional, há muitas disparidades entre os estudiosos no que tange aos critérios utilizados para a distinção entre coordenação e subordinação. Esse dissenso também é notado em obras mais modernas e é ainda maior no campo da correlação, compreendida neste texto como uma construção com duas partes interdependentes entre si (prótase e apódose).

Em muitas obras, a correlação aditiva é diluída no campo da coordenação aditiva como se fosse uma mera versão enfática desta. Este estudo demonstrou que a correlação aditiva é mais do que isso. Esse tipo de construção configura-se como uma forma mais marcada, pelo seu maior grau de complexidade sintática. Enquanto a coordenação aditiva, por um lado, é codificada na língua por meio de um único elemento (conjunção *e*), a correlação aditiva, por outro lado, apresenta-se de diferentes formas, o que revela sua grande riqueza estrutural.

Notamos também que as porções textuais em que figuram as construções correlatas aditivas traduzem maior complexidade e, por consequência, ocasionam maior esforço cognitivo por parte do interlocutor para adesão a esses enunciados. Clark e Clark (*apud* CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 23) assumem que “a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade da expressão”. Isso está intimamente associado ao caráter icônico da construção correlata aditiva, no que tange ao *subprincípio da quantidade*, isto é, quanto maior a quantidade de informação contida em um enunciado, maior será a quantidade da forma de tal construção em dado contexto. (cf. MARTELOTTA, p. 2008).

A despeito de algumas diferenças formais no plano estrutural e em termos de frequência de uso, a correlação aditiva, tanto no PE quanto no PB, cumpre uma mesma função semântico-pragmática de reunir prótase e apódose em uma relação de *crescendum* argumentativo. A prótase correlativa tende a apresentar elementos velhos, já conhecidos dos falantes. A apódose, por sua vez, tende a revelar dados novos, destinados principalmente a causar surpresa no interlocutor. Portanto, vale a pena frisar que não houve diferença substancial no uso da correlação aditiva no século XX entre as duas variedades da língua portuguesa analisadas neste trabalho, com exceção de uma maior frequência de uso na variedade brasileira.

Com base na LFCU, oferecemos um breve panorama dos usos da construção correlata aditiva no século XX a partir de diferentes aspectos. O fenômeno da correlação é, sem dúvida, uma grande seara, ainda muito aberta à investigação. Nesse sentido, muitos outros aspectos poderiam ter sido levantados neste artigo, o que não foi possível devido à limitação de espaço. Por outro lado, defendemos que o objetivo deste estudo foi alcançado, já que oferecemos mais uma colaboração ao entendimento dessa grande “floresta inexplorada”, como metaforizou Oiticica (1952).

Referências

- AZEREDO, J. C. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. **A handbook of historical linguistics**. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003.
- BYBEE, J. L. Usage-Based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HILPERT, M.; HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.
- CAMARA JR., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma Homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4ªed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. *et al.* (Org.) **Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. **Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas**. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

GERVASIO, T. L. **A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX: uma proposta de análise centrada no uso**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2016.

GERVASIO, T. L. **A construção correlata aditiva: uma análise linguístico-cognitiva**. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional typological introduction**. v.1. New York: Academic Press, 1984.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press Inc., 2006.

HEINE, B.; KUTEVA, T. Contact-induced grammaticalization. In: BICKEL, B.; KONIG, E. (ed.). **Studies in Language 27**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 2003.

LENKER, U. **Argument and rhetoric: adverbial connectors in the history of English**. Germany. De Gruyter Mouton, 2010.

LIPTÁK, A. (ed.). **Correlatives cross-linguistically**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2000.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, G. C. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

MÓDOLO, M. A estrutura correlativa aditiva “não só... mas também” de uma perspectiva multisistêmica. **Estudos Linguísticos**. XXXIV. São Paulo: USP, 2005.

MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. Vol. II.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

OITICICA, J. **Teoria da Correlação**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização de construções na pesquisa funcionalista. In: DEL RÉ, A.; KOMESU, F.; TENANI, L.; VIEIRA, A. J. (Orgs.). **Estudos linguísticos contemporâneos: diferentes olhares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

PAULIUKONIS, M. A. L. A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas. In: **Scripta**. v. 5, n.9. Belo Horizonte: Editora da PUC Minas, 2001.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S. **A University Grammar of English**. Hong Kong: Longman, 1980.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

RODRIGUES, V. V. **Construções comparativas: estruturas oracionais?** Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSÁRIO, I.C. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

ROSÁRIO, I.C. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. Niterói: EdUFF, 2018.

ROSÁRIO, I.C. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. **Revista Línguas & Letras**, v. 17, n° 35. 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/12744/9745>

ROSÁRIO, I.C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). **Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

UCHÔA, C. E. F. (org.). **Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

WILSON, V. Motivações Pragmáticas. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.